

Impactos das Tecnologias nas Ciências Sociais Aplicadas 3



**Glucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)**

Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Sociais Aplicadas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências sociais aplicadas 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glaucia Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Impactos das Tecnologias nas Ciências Sociais Aplicadas; v. 3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-213-5
DOI 10.22533/at.ed.135192703

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I. Wesselovicz, Glaucia. II. Cazini, Janaina. III. Série.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Impactos das Tecnologias nas Ciências Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 16 capítulos do volume III, apresenta experiências do mundo corporativo em diversas áreas da gestão como: Pessoas, Finanças, Logística e Responsabilidade Social, tais áreas impactam diretamente nos stakeholders do ecossistema empresarial.

Os impactos da evolução tecnológica desde a máquina à vapor até a ascensão “Machine Learning”, é percebida de forma clara no ambiente organizacional, onde observa-se desde mudanças de processos à exigência de habilidades comportamentais. Com isso, as organizações que não estiverem atentas as tendências tecnológicas e mercadológicas serão fadadas a extinção.

É necessário um novo reformular o pensamento a respeito aos modelos de gestão existentes e das atitudes do profissional que converge nas habilidades técnicas e sociais, impactando no resultado final da organização.

Estes artigos apresentam cases que vem de encontro com essa perspectiva disruptiva do momento, conforme previsão de Magaldi e Neto (2008) “qualquer companhia desenhada para ter sucesso no Século XX está destinada a fracassar no Século XXI.

Glaucia Wesselovicz
Janáina Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO PROCESSO ADMISSIONAL DE COLABORADORES EM EMPRESAS AUTOMOTIVAS	
Mikhaela Beatriz Prado de Araújo Dourado	
Carlos Eugênio Teixeira de Sousa	
Gladstone Alves Bezerra da Silva	
Larissa Silveira de Pinho	
Sabrina Cunha Lacerda	
Auristela do Nascimento Melo	
DOI 10.22533/at.ed.1351927031	
CAPÍTULO 2	14
AS RELAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO, NO CONTEXTO DE NEGÓCIOS SOCIAIS, À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Diana Maria Goiana Alves	
Ana Cristina Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1351927032	
CAPÍTULO 3	24
MOTIVAÇÃO NO SETOR PÚBLICO	
Bruna Benites Nunes	
Nara Regina Theis Planella	
DOI 10.22533/at.ed.1351927033	
CAPÍTULO 4	39
ANÁLISE DO CLIMA ORGANIZACIONAL: ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DO RAMO MOVELEIRO DE FERNANDÓPOLIS (SP)	
Jairo Pimenta Neves Júnior	
Paulo Cesar Rodrigues Resende	
Renan Biudes Maziero	
Rodrigo Carrasco Bastida	
Daniela Boreli	
DOI 10.22533/at.ed.1351927034	
CAPÍTULO 5	62
APLICAÇÃO DA TEORIA DAS RESTRIÇÕES EM EMPRESA BENEFICIADORA DE BATATAS DO MUNICÍPIO DE ARAXÁ-MG	
Gabriel Borges Barbosa	
Arthur Henrique Nunes de Andrade	
Felipe dos Santos	
Fábio Augusto Martins	
DOI 10.22533/at.ed.1351927035	
CAPÍTULO 6	77
ATIVOS BIOLÓGICOS: UMA ANÁLISE EM EMPRESAS DO SEGMENTO DE CARNES E DERIVADOS LISTADAS NA BM&FBOVESPA	
Julia Alanne Paz Pinheiro	
Rosângela Queiroz Souza Valdevino	
Adriana Martins de Oliveira	
Rafael Ramon Fonseca Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1351927036	

CAPÍTULO 7	93
NOTA FISCAL PAULISTA E SEUS REFLEXOS	
Alison Carlos Bastos	
Caio Henrique Faria de Oliveira	
Nailton dos Santos	
Elaine Doro Mardegan Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1351927037	
CAPÍTULO 8	108
EVOLUTION AND TRENDS IN MANAGEMENT SYSTEMS BASED ON INTERNATIONAL STANDARDS	
Héctor Rubén Tarcaya	
Angélica Noemí Arenas	
Gloria Plaza	
DOI 10.22533/at.ed.1351927038	
CAPÍTULO 9	114
GESTÃO AMBIENTAL NO CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO - UFPI: UMA QUESTÃO DE RELEVÂNCIA SOCIAL	
Débora Fernandes dos Santos	
Walkyane Alyne Santos Oliveira	
Mara Águida Porfírio Moura	
Kelsen Arcângelo Ferreira e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1351927039	
CAPÍTULO 10	122
GESTÃO SUSTENTÁVEL DA CADEIA DE SUPRIMENTOS: CONCEITOS E CONSTRUTOS	
Marília Monteiro dos Santos	
Fernando Luiz Emerenciano Viana	
DOI 10.22533/at.ed.13519270310	
CAPÍTULO 11	128
MICROCRÉDITO E INCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL: O CASO CREDIAMIGO	
Fernanda Érica dos Santos Nunes Ornelas	
Sheila Raquel de Moraes Rego Lima	
DOI 10.22533/at.ed.13519270311	
CAPÍTULO 12	135
BASTA DE VERGONHA: UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE UMA CAMPANHA AO COMBATE À CORRUPÇÃO À LUZ DA GOVERNANÇA PÚBLICA	
Jean Carlos da Silveira	
Jamur Johnas Marchi	
DOI 10.22533/at.ed.13519270312	
CAPÍTULO 13	151
MODELAGEM MATEMÁTICA NA ADMINISTRAÇÃO: O USO DE CANAIS DE COMUNICAÇÃO EM ORGANIZAÇÕES PRIVADAS	
Gustavo Balsan Kubiak	
Paulo Reis Junior	
DOI 10.22533/at.ed.13519270313	

CAPÍTULO 14	160
ANÁLISE FINANCEIRA DA EMPRESA PAGUE MENOS: ANÁLISE VERTICAL E HORIZONTAL DA REDE FARMACÊUTICA NOS ANOS DE 2011 A 2017	
Luíza Alves Braga	
Viviana Menezes Costa	
Mariana Cantídio Mota Bezerra de Menezes	
Roselene Couras Del Vecchio da Ponte	
DOI 10.22533/at.ed.13519270314	
CAPÍTULO 15	167
O HOMEM E O TRABALHO: A NEGAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE HUMANA PELO MERCADO DE FORÇA DE TRABALHO À LUZ DO LIVRO II DE O CAPITAL	
Pedro Hiago Santos Marques	
Betânea Moreira de Moraes	
Luana da Silva Dias	
Francisco Ayslan Regino da Silva	
Francisco Erick Tabosa Lima	
DOI 10.22533/at.ed.13519270315	
CAPÍTULO 16	174
A XI SEMANA ACADÊMICA DO CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO COMO ATIVIDADE PRÁTICA DA DISCIPLINA DE GESTÃO DE EVENTOS	
Ellen Cristina Klein Schneider	
Bruna Frio Costa	
Dueyni Bastos	
Lívia Machado Costa	
Marina Testolin	
DOI 10.22533/at.ed.13519270316	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	178

O HOMEM E O TRABALHO: A NEGAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE HUMANA PELO MERCADO DE FORÇA DE TRABALHO À LUZ DO LIVRO II DE O CAPITAL

Pedro Hiago Santos Marques

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA,
Acadêmico do Curso de Direito, Sobral - CE

Betânea Moreira de Moraes

Professora da Universidade Estadual Vale do
Acaraú - UVA, Curso de Direito, Sobral - CE

Luana da Silva Dias

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA,
Acadêmica do Curso de Direito, Sobral - CE

Francisco Ayslan Regino da Silva

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA,
Acadêmico do Curso de Administração, Sobral –
CE

Francisco Erick Tabosa Lima

Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA,
Acadêmico do Curso de Direito, Sobral - CE

RESUMO: A pesquisa desenvolvida tem por objetivo analisar, a partir de uma visão marxiana, de que maneira se dá a negação da individualidade humana durante o processo de circulação global do capital, focando nas questões do mercado de força de trabalho e da presença do trabalhador como mero elemento do capital circulante. Dentro do processo de circulação do capital industrial, a troca de capital monetário (D) por força de trabalho (FT) é essencial para que se inicie a fase de produção (P) e, desse modo, para que o ciclo econômico não estanque. Em virtude disso, a compra e

venda de trabalho são traços característicos do atual modo de produção e imprescindíveis para que este se perpetue. No entanto, por fazer parte de uma dinâmica desumana, o mercado de força de trabalho está envolto por uma estrutura perversa e atua em prol desta, o que torna o trabalho, antes fator libertador do modo de vida primitivo, fator de degradação e manutenção da desigualdade social pela forçosa relação dispar entre trabalhador e patrão. A análise resultou na constatação de que o processo de circulação do capital é fator que propicia fenômenos sociais inerentes ao capitalismo, responsáveis pela negação da individualidade humana, fazendo com que o processo de circulação – em foco a venda da força de trabalho - seja promotor de toda sorte de degradações físicas e morais estabelecendo e concretizando socialmente sólidas engrenagens de um sistema econômico que, para subsistir, necessita negar nossa individualidade, transformando homens em meras fontes mercadológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Mercado de força de trabalho. Individualidade humana. Marxismo. O Capital. Trabalho.

ABSTRACT: The article intends to analyze, from a Marxist perspective, how the denial of human individuality occurs during the process of global capital circulation, focusing on labor market issues and the presence of the worker as

a mere element of circulating capital. Within the process of the circulation of industrial capital, the exchange of monetary capital (M) by the labor force (LF) is essential for the beginning of the production phase (P) and, thus, the economic cycle is not interrupted. By virtue of this, the purchase and sale of labor are characteristic of the present mode of production and indispensable for its perpetuation. However, because it is part of an inhuman dynamic, the labor market is surrounded by a perverse structure and acts in favor of it, which makes work, rather a liberating factor of the primitive way of life, a factor of degradation and maintenance inequality due to the disparate and forced relationship between worker and employer. The analysis resulted in the fact that the process of capital circulation is a factor that favors the social phenomena inherent in capitalism, responsible for the denial of human individuality, making the circulation process - in focus the sale of the labor force - a promoter of physical and moral degradation, establishing and realizing socially sound gears of an economic system that, in order to subsist, must deny our individuality, transforming men into mere market sources.

KEYWORDS: Labor market. Human individuality. Marxism. The capital. Work.

1 | INTRODUÇÃO

O seguinte estudo foi desenvolvido como parte do projeto “A individualidade humana na sociabilidade capitalista: Um estudo centrado nos livros segundo e terceiro de ‘O Capital’ de Karl Marx”, conduzido pela professora Betânia Moreira de Moraes e fomentado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Baseia-se no fato de que Marx, no Livro II de “O Capital”, tinha por escopo analisar minuciosamente o processo de circulação do capital industrial, capital em sentido lato. Para isso, “dissecou” o processo de circulação pormenorizando cada aspecto individualmente para, ao término, explicar como o todo funciona harmonicamente com a devida atuação das partes. Dentro do arcabouço da circulação do capital, surge, na subfase D-FT, a figura do mercado de força de trabalho, vetor dos males os quais discutir-se-ão neste opúsculo. Graças aos estudos do pai do comunismo científico, tornou-se possível fazer diversos apontamentos sobre a influência que este mercado e os elementos que dele emergem - quais sejam a dependência do trabalhador à relação com o detentor dos meios de produção; a gritante desigualdade e exploração inerente a essa relação; o desemprego estrutural; o exército industrial de reserva; a perda da identidade do indivíduo e a supervalorização do emprego em detrimento desta identidade; e os males físicos e psíquicos causados pelo impacto nocivo do desemprego na vida do trabalhador - desempenham na sociabilidade capitalista, e o efeito negativo que causam na individualidade do trabalhador. No mais, aproveitando todo o exposto teórico a respeito do mercado da força de trabalho dentro da subfase D – FT, efetuaremos análises, vislumbrando na sociedade moderna tudo o que se pôde captar da teoria apresentada e descobrindo quais são as consequências

desse sistema no que tange ao mercado de trabalho, para o indivíduo humano que nele está inserido, que tem como a mais preocupante o suicídio.

2 | METODOLOGIA

O método científico utilizado na pesquisa foi o dialético de natureza explicativa. O procedimento técnico utilizado foi, essencialmente, a pesquisa teórico-bibliográfica dos textos marxianos, com ênfase no Livro II de O Capital, bem como de pesquisas e estatísticas que fundamentam as ponderações feitas.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

O capital, durante o processo de circulação, assume três formas distintas, das quais vai saltando até completar seu ciclo, ou seja, o capital industrial, a depender do momento da circulação, ora assume a forma de dinheiro, ora de produção e ora de mercadoria. Em virtude disso, existem três figuras (estágios): D (capital monetário ou capital-dinheiro), P (capital produtivo) e M (capital-mercadoria). Cada um desses estágios possui uma fórmula que representa seu ciclo: $D - M...P...M' - D'$ (ciclo do capital monetário ou capital-dinheiro); $M' - D' - M...P...M'$ (ciclo do capital-mercadoria); e $P...M' - D' - M'...P$ (ciclo do capital produtivo) (TEIXEIRA, 1995). O processo é sempre o mesmo, o que os distingue é a ordem em que começa a circular o capital. Na presente glosa, cujo enfoque incide sobre o ciclo do capital-dinheiro (a troca do dinheiro por força de trabalho), há de se analisar a circulação sobre o prisma dessa forma (D). $(D - M)1...P2...(M' - D')31$. No diagrama representado, $D - M$ representa a primeira etapa do processo onde “D” é capital-dinheiro e “M” é capital-mercadoria. P, que representa a segunda etapa, significa o processo de produção onde as mercadorias serão consumidas para a obtenção de produtos que se tornarão novas mercadorias enriquecidas de mais-valia. Por fim, “ $M' - D'$ ” é a última etapa e o processo inverso da primeira, diferindo desta devido ao valor da mercadoria já incorporada de mais-valia, conseqüentemente, a quantia em dinheiro por ela trocada deverá ser superior a da primeira. Leciona Marx (1985, p. 26): “ $D - M$ representa a conversão de uma soma de dinheiro em soma de mercadorias; para o comprador, a transformação de seu dinheiro em mercadoria; para os vendedores, a transformação de suas mercadorias em dinheiro”. Compreende-se do texto marxiano que essas mercadorias “são, por um lado, meios de produção; por outro, força de trabalho, fatores materiais e pessoais da produção de mercadorias, cuja espécie particular deve, naturalmente, corresponder ao tipo de artigo a ser produzido” (MARX, 1985, p.26). Ambos os tipos de mercadorias são achados no mercado, no entanto, em tipos de mercados também diferentes: o mercado de mercadorias propriamente ditas e o mercado de força de trabalho. Quando um capitalista compra a força de trabalho, conseqüentemente um trabalhador

a vende. Por isso, entende-se que, no sistema capitalista, o trabalho é transformado em mercadoria (força de trabalho) e monetariamente valorado, o que para Marx é irracional, já que é o trabalho o criador do valor:

O irracional consiste em que o trabalho, como elemento criador de valor, não pode ter, ele mesmo, nenhum valor, portanto, determinado quantum de trabalho não pode ter nenhum valor que se expresse em seu preço, em sua equivalência com determinado quantum de dinheiro. [...] Não que a mercadoria força de trabalho seja comprável, mas que a força de trabalho apareça como mercadoria é o característico (MARX, 1985, p.28).

Para ajudar na edificação deste pensamento, recorreremos às doutrinações do mesmo autor em outra obra sua “Para uma crítica da economia política”:

Nestas condições, o trabalho transformou-se – não só como categoria, mas na própria realidade – num meio de produzir riqueza em geral e, como determinação já não está adstrito ao indivíduo como sua particularidade. (MARX, 1999, p.46, grifo nosso).

No mercado de fatores materiais também existe a possibilidade, graças à mais-valia, da acumulação de lucros e, com esses lucros, de investir nos meios de produção. Já no mercado de fatores pessoais essa possibilidade não existe, desvelando um motivo que vincula os trabalhadores aos modos operandi do capitalismo: a impossibilidade da autossuficiência da força de trabalho, pois esta, para que possa ser ativada e transformada em produtos tem de estar combinada com os meios de produção. O elemento axiológico que movimenta essa discussão é a liberdade, que define a forma do trabalhador atuar na sociedade. A falta dela lhe vincula ao sistema por ser este vínculo o único que lhe é disponível e viável. Como consequências do sistema capitalista surgem elementos nocivos ao proletário que, no entanto, servem de sustentáculo para o modo de produção, como assevera Marx (1996a, p.262, grifo nosso) ainda no Livro I, Tomo II, de O Capital:

Mas, se uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base no capitalismo, essa superpopulação torna-se, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta, como se ele o tivesse criado à sua própria custa.

O exército industrial de reserva é essa massa de trabalhadores ativos sem emprego, e a procura de emprego, a qual o sistema capitalista utiliza para manter o controle da economia e o controle/alienação da classe trabalhadora, transformando a pobreza do proletário em riqueza sua.

O mercado de trabalho já se apresenta, por si só, como um ambiente degradante da individualidade da pessoa humana, no entanto, o exército industrial de reserva contribui e muito para munir esse ambiente de mais negatividade, tendo em vista o opressivo controle que exerce sobre os indivíduos que temem o risco do desemprego. No capitalismo, onde o desemprego é fator estrutural, é benéfico para o capitalista que se mantenha sempre uma massa de trabalhadores excedentes, à disposição de trocar

sua força de trabalho por dinheiro, e quanto maior for essa massa de trabalhadores, menos valerá a força de trabalho. Sabe-se o quão degradante é o ambiente do mercado de força de trabalho, no entanto, estar fora dele também é fator de degradação moral e física, pois o trabalho ocupa posição de destaque na sociabilidade humana e corresponde ao eixo das relações sociais (CATTANI, 1996 apud BRITO, PEREIRA, 2006).

Um indivíduo desempregado não exerce sua “função social” e, por isso, se sente excluído da sociedade como se fosse um elemento exógeno, estranho ao grupo. Segundo o diretor do Instituto Americano de Terapia Cognitiva, Robert L. Leahy, estar desempregado “é realmente uma das experiências mais difíceis, mais devastadoras que as pessoas passam” (ROMANZOTI, 2012). De acordo com Leahy, estudos apontam que o desemprego duplica as chances do surgimento de um quadro depressivo e mantém relação estreita com a violência doméstica e o consumo excessivo de álcool (LANDAU, 2012). Passam também a fazer mais parte da vida dessas pessoas o estresse, a ansiedade e o pessimismo que acabam por dificultar o sono, acarretando cansaço e letargia (LANDAU, 2012). Enveredando pelo pensamento de M. Caldas, Brito e Pereira chegam na questão da depressão e do suicídio, piores resultados dessa negação da individualidade, tentando chegar em um liame pertinente que explique o porquê dessas trágicas resultantes:

A proposta de Caldas é a noção de emprego como vida, ou seja, o emprego representaria para o trabalhador a ligação com a vida e o sentido de fazer parte dela. Por meio do trabalho, têm-se compromissos, regras a cumprir, podem-se esperar recompensas pelo esforço despendido, enfim, representa a atividade. Por conseguinte, o desemprego manifestar-se-ia como expressão de inatividade e morte. Esse sentimento é reforçado pela noção de invalidez, pelo fato de não produzir, de não colaborar, de estar fora do mercado, da esfera ativa da sociedade (CALDAS, 2000 apud BRITO, PEREIRA, 2006. p.157-177).

O desemprego é também responsável pela negação da individualidade humana a partir do momento em que rompe o vínculo viciado entre o emprego e o empregado. A relação é viciada, pois, por ela, o sujeito, levando em consideração o contexto histórico-cultural e socioeconômico em que se insere, consubstancia em sua identidade as marcas do seu trabalho, ou da empresa/organização a que serve. Essa não dissociação criada é prejudicial ao indivíduo, pois quando a relação é cortada, sente que perdeu parte de si. O homem contemporâneo não distingue o seu trabalho como algo feito por ele que transforma a natureza e até mesmo a si, mas o considera como parte de si, sentindo-se debilitado quando não mais pode exercê-lo. Por tudo isso, vê-se que o desemprego afeta o homem tanto na esfera de si mesmo quanto na esfera de sua intersubjetividade, interferindo de forma relevante em sua sociabilidade. A negação da individualidade humana é tal que pode resultar em fatalidades. Em relatório, a OMS qualifica o desemprego como um dos fatores sociodemográficos e ambientais associados ao ato de tirar a própria vida (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2000). Estreitando o objeto de estudo para os suicídios acarretados, mesmo

que indiretamente (desemprego □ depressão □ suicídio), pelo desemprego, um estudo feito por pesquisadores da Universidade de Zurique mostra que esse elemento de negação da individualidade humana provoca a consumação de cerca de 45.000 suicídios por ano nos 63 países sobre os quais se estendeu a pesquisa, realizada entre 2000 e 2011 (EXAME, 2015). Durante o período em que houve o estudo foram registrados nesses países aproximadamente 233.000 casos de pessoas que ceifaram a própria vida e dentre esses, 45.000 provocados pelo desemprego (EXAME, 2015), seria em porcentagem cerca de 19,3% de todos os casos, representando quase um quinto deles. Outra revelação importante do trabalho suíço foi que por ser o desemprego estrutural dentro do capitalismo, os suicídios levados a cabo por sua causa acontecem nas boas e más fases da economia (EXAME, 2015) . Infelizmente o trabalho no modo de produção capitalista, parafraseando o adágio popular, não “dignifica mais o homem” e sim retira dele a dignidade. No entanto, é preciso que se diga que o problema não está no labor em si, mas no modo de produção em que ele está inserido.

4 | CONCLUSÃO

Por tudo isso, infere-se da referida obra de Karl Marx que, logo no início do processo de circulação, especificamente na fase D – M, ocorre o traço característico da economia monetária: a valoração monetária e mercantilização do trabalho. Tal traço é representado pela subfase D – FT. Ela suscita a existência de um mercado de trabalho, onde a força de trabalho, fonte geradora do valor, é vendida como mercadoria (fator pessoal) e os trabalhadores são os fornecedores, as fontes dessa mercadoria. Em sendo assim, torna-se o ser humano mero elemento-meio para determinado fim, não tendo relevância alguma a sua individualidade, a menos que essa influa na força de trabalho e, por conseguinte, no fim almejado pelo capitalista. O mercado de força de trabalho se mostra um ambiente conversor de indivíduos em fontes de mercadorias. As situações que se nos impõe por serem condições de funcionamento do sistema como a relação díspar e injusta entre empregado e empregador, o desemprego estrutural, o exército industrial de reserva saltam aos olhos ao serem escancarados por Marx, e, pela vivência prática de cada um, confirmados e tirados lentamente do véu da normalidade que ao longo dos séculos a sociedade aprendeu a conviver, demonstrando que o poder do qual goza o patrão não se origina na sua riqueza, mas na miséria do empregado. Assim se dá o funcionamento das relações do mercado de força de trabalho que constrange, imobiliza, determina e, na soma de todos os males, rouba do trabalhador a sua vontade e, destarte, tangenciando-o qual gado em fila de abate, nega sua individualidade. Constata-se por todo o exposto que o desemprego também causa danos psicológicos, físicos e na sociabilidade do trabalhador, sendo também fator responsável pela negação da individualidade humana.

REFERÊNCIAS

BRITO, Mozar José de. PEREIRA, Maria Cecília. **Desemprego e subjetividade no contexto brasileiro: uma análise interpretativa sob a ótica dos excluídos do mercado de trabalho industrial**. Revista Mal- Estar e Subjetividade, Unifor, Fortaleza, CE. v. 6. n. 1, p.143-181. mar. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/C/Desktop/Desemprego%20e%20subjetividade.pdf>. Acesso em: 8 out. 2015.

EXAME.COM. **Desemprego provoca 45.000 suicídios ao ano em 63 países**. Revista Exame. Abril. 2015. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/desemprego-provoca-45-000-suicidios-ao-ano-em-63-paises>. Acesso em: 19 ago. 2016.

LANDAU, Elizabeth. **Unemployment takes tough mental toll**. Tradução Livre. CNN. 15 jun. 2012. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2012/06/14/health/mental-health/psychology-unemployment/index.html>. Acesso em: 6 out. 2015.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro Segundo: O processo de circulação do capital**. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **Para uma crítica da economia política**. Ed. Eletrônica Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/criticadaeconomia.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política, Livro Primeiro: O processo de produção do capital, Tomo 1**. São Paulo: Nova Cultural, 1996a. Caps. I à XII. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf>. Acesso em: 3 out. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária**. Suíça. 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf>. Acesso em: 8 out. 2015.

ROMANZOTI, Natasha. **Desemprego é uma das experiências mais devastadoras para a mente**. 10 jul. 2012. Disponível em: <http://hypescience.com/desemprego-e-uma-das-experiencias-mais-devastadoras-para-a-mente/>. Acesso em: 6 out. 2015.

TEIXEIRA, Francisco José Soares. **Pensando com Marx: Uma leitura crítico-comentada de O Capital**. São Paulo: Ensaio, 1995.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-213-5

